

## Uma tradução de sete poemas de *The Bridge*, de Hart Crane<sup>1</sup>

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

**Palavras-chave:** Hart Crane, *The Bridge*, poesia modernista, tradução

**Keywords:** Hart Crane, *The Bridge*, Modernist poetry, translation

São poucos os escritores que, com apenas três obras publicadas, lograram entrar no cânone das letras norte-americanas. Hart Crane (1899-1932) conseguiu-o, quase duas décadas após a morte, com *White Buildings* (1926), *The Bridge* (1930), e *Key West: An Island Sheaf* (publicado postumamente). Escritor polémico, encarnação do poeta maldito, alcoólico, bissexual, suicida — nada o ajudou a franquear os portões cerrados do panteão das letras. Valeu-lhe o talento, uma escrita arrebatada e épica, temperada por momentos líricos, às vezes alquímicos, de notável beleza.

O autor detinha uma rara qualidade, o sentido do seu tempo e do seu país: uma América pós-pastoril, moderna, agressiva, materialista. O retrato que faz da nação, em *The Bridge*, é permeado pelo êxtase de um visionário. Tal como uma ponte, o seu poema é uma via que liga sem atar, e harmoniza sem fundir, as facetas tantas vezes contraditórias da América: o passado, o presente e o futuro; a espiritualidade e o materialismo; o puritanismo e a liberdade dos quacres; o universo ameríndio e o mundo euro-americano; a natureza e a tecnologia.

Ao longo das páginas de *The Bridge*, mitos de origens diferentes cruzam-se para desenhar uma América do presente e uma nação do futuro. Por vezes, essa diversidade resulta numa colagem bastante heterogénea; noutras ocasiões, Crane mergulha no inconsciente coletivo, descobre laços entre os mitos, e tece uma síntese mística da alma americana. Vultos da literatura como Edgar Allan Poe, Emily Dickinson, Walt Whitman, os progressos científicos da nação mais avançada, as grandes cidades e as paisagens naturais esmagadoras, sublimam-se numa obra mais inclusiva do que homogénea. Trata-se, enfim, do testemunho de um homem que viveu a sua época e pátria, até ao suicídio que, em 1930, o sepultou no Mar dos Sargaços.

As traduções que aqui incluo resultam de um distanciamento crítico em relação às primeiras versões, surgidas em apêndice na minha dissertação de mestrado, há alguns anos. Menos próximas ao original, talvez consigam ser mais fiéis ao espírito do texto, tanto quanto o

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Uma tradução de sete poemas de *The Bridge* de Hart Crane”. *Máthesis* (Universidade Católica Portuguesa, Viseu) 9 (2000): 315-330. ISSN: 0872-0215.

trabalho de um tradutor o permite. Por óbvias razões de espaço, não me foi possível incluir a obra na íntegra, tendo-me deixado levar ora pelo gosto pessoal (um critério sempre dúbio), ora pelo desejo de apresentar os textos que a crítica consagrou (uma razão mais aceitável). Dispensei-me de incluir notas explicativas ou interpretativas, dado que já fiz a exegese das traves-mestras e temáticas da obra de Crane em números anteriores desta revista.

### Proémio: À Ponte de Brooklyn

- 1 Aurora após aurora, as gaivotas, de asas enregeladas  
Pelo ondulante poiso, mergulham e rodopiam,  
Derramando brancos anéis de tumulto, exibindo a sua liberdade  
Nas alturas, sobre as águas agrilhoadas da baía.
- 5 Numa curva imaculada, as aves abandonam os nossos olhos,  
Semelhantes ao fantasma de um veleiro que cruza  
As faturas, os orçamentos e os balancetes a arquivar;  
— A jornada termina e os ascensores libertam-nos do dia...
- 10 Sonho com as grandes salas de cinema, a magia panorâmica,  
As multidões debruçadas sobre uma qualquer cena cintilante,  
Uma profecia nunca revelada, incessantemente revista,  
No mesmo *écran*, pelos espetadores da sessão seguinte.
- 15 E Tu, ó Ponte, caminhas sobre o porto, em passos de prata,  
Como se o sol te imitasse, sem, contudo, copiar  
O movimento do teu brilhante rasto —  
A tua livre originalidade assim preservada.
- 20 Fugido de alguma vigia de metro, cave ou sótão,  
Um lunático precipita-se para os teus parapeitos,  
Oscila por um instante, a camisa berrante, enfunada,  
Um gracejo tomba dos transeuntes espantados.
- Através de Wall Street, dos andaimes até à rua, o meio-dia escorre  
Como um rasgão luminoso no acetileno celeste;  
Toda a tarde, os guindastes giram entre as nuvens...  
Enquanto os teus cabos sorvem a calma do oceano.
- 25 A recompensa e que ofereces  
É tão obscura quanto o paraíso bíblico;  
Aqueles que resgatas do anonimato, o tempo jamais destruirá.  
Só Tu és senhora da indulgência e do perdão.
- 30 Ó harpa e altar em fúria fundidos,  
(Como pôde o simples labor humano alinhar a harmonia das tuas cordas)  
Terrível limiar da aliança do profeta,  
Da oração dos banidos, do pranto dos amantes.
- 35 Mais uma vez os faróis dos automóveis deslizam velozes  
Pelo teu indiviso idioma, como suspiros estelares, imaculados,  
Contas de um rosário que condensa a eternidade.  
E contemplamos a noite erguida nos teus braços.

Junto às tuas sombras, encostado aos pilares, eu esperei;  
 Só na escuridão são claras as tuas trevas.  
 Os edifícios da cidade, submersos pela neve de mais um ano,  
 Lembram prendas de Natal desembulhadas.

- 40     Insone como o rio que passa sob ti  
 Cobres o mar e sonhas com a turfa das pradarias.  
 Vem, ó Ponte, condescende com a nossa humildade,  
 E da tua curvatura empresta um mito a Deus.

### Alvorada no Porto

*Quatrocentos anos, mais de quatrocentos anos...  
 ou será da margem silenciosa do sonho que o tempo...*

- Insistentemente, uma maré de vozes  
 Vem ao teu encontro, algures a meio de um sonho.  
 São sons longos, fatigados, nebulosos,  
 Gongos em sobrepelizes brancas, gemidos de além-túmulo,  
 5     Sirenas de nevoeiro, sinais dispersos e tão velados.

Um camião desloca-se preguiçosamente no cais,  
 Os guinchos vibram sobre o convés de um cargueiro,  
 Lá em baixo, as imprecações e os passos de um estivador bêbado  
 Ressoam através das ruas enevoadas pela neve.

- 10     E se acaso te roubam o sono, por vezes  
 De novo to devolvem. Suaves bolsas de som  
 Velam o porto escurecido, a baía aconchegada;  
 Algures lá fora, na claridade, o vapor

- 15     Em vapor se derrama, e vagueia, levado  
 — perturbado pela sonoridade fria dos silvos, redemoinhando  
 Por entre distantes e as boias tilintantes, à deriva. O céu  
 Fresco rebanho de plumagem, suspende, destila

- 20     Esta flutuante dormência... Vagarosamente —  
 Desde tempos imemoriais, a janela, a cadeira seminua  
 Mais não pedem que esta bainha de pálido ar.

*...te regressa ao amor num sonho acordado  
 para fundir a tua semente...*

E abençoada sejas tu que repousas a meu lado, enquanto as sereias  
 Cantam para nós, e furtivas nos tecem com os fios da aurora.  
 Serenamente, antes que o dia reclame os nossos olhos,  
 Os teus braços frescos em murmúrios me enlaçam.

- 25     Enquanto os dedos brancos da neve tocam as vidraças —

*as tuas mãos são feitos épicos nas minhas mãos;  
 a minha língua na tua garganta — canta sagas,  
 os braços cerrados; olhos abertos, confiados  
 e escuros*

- 30     *bebem a alvorada —  
 um bosque estremece nos teus cabelos!*

...com quem?

35 Sem pressa, a janela se enloura. Levanta-se a geada.  
 Duas ou três olhos faíscam nas torres ciclópicas  
 Da outra banda de Manhattan. O disco solar  
 Liberta-se — e no alto, com as gaivotas, se confunde.

*Quem é a mulher connosco na aurora...?  
 De quem é o corpo  
 que os nossos pés percorrem?*

O nevoeiro repousa um instante ainda sobre o parapeito.  
 Sob o azevinho dos sonhos,  
 Como se fora juntar-se-nos nalguma distante colina,  
 Uma estrela devolve o desperto Ocidente e adormece.

### Van Winkle

*As ruas estendem-se para além da loja e da fábrica,  
 apressadas pela madrugada.  
 Aquele seu sorriso, como a memória, gazeteira do tempo,  
 Há de levar-te pela mão.*

O macadame, cor de aço como o ventre do atum,  
 Estende-se de Far Rockaway até Golden Gate:  
 Escuta! Toda a distância que a manivela do realejo percorre,  
 Desenrolando milhas e milhas de arpejos dourados.

5 Antigamente, quando corrias para a escola,  
 — A hora, a mesma, porém muito mais tarde —  
 Levavas Pizarro no caderno  
 E Cortes cavalgava, empertigado,  
 Firme e acre como o sabor do café na tua boca. Ala!

10 Havia a face de Priscilla encostada ao vento,  
 E o Capitão Smith, todo ele barbas e firmeza,  
 E Rip Van Winkle perguntando a toda a gente:  
 “É aqui o Sleepy Hollow, amigo?”

15 *Rip, que se esqueceu da hora do expediente,  
 que nem do ordenado se lembrou;  
 o mesmo Van Winkle que hoje varre um apartamento  
 na Avenida Principal, —*

E o realejo diz... Lembra-te, lembra-te  
 Do monte de cinzas, ao fundo do quintal,  
 20 Onde lapidávamos o ninho das cobrinhas,  
 E os aviõezinhos que lançávamos, com asas de papel  
 E elásticos torcidos... Recorda, recorda...

25 as línguas velozes  
 Tremulando debaixo da pilha de cinzas,  
 De cada vez que a tua vara descortinava  
 Um dorso de escamas distraído ao sol,  
 Que recuava rapidamente ao teu ataque, veloz como o fogo.

- 30 *E Rip Van Winkle deu-se conta*  
*de que não pertencia a tempo*  
*algum. Acordou e jurou ter visto a Broadway*  
*como uma primavera grinalda de margaridas.*
- 35 E assim bate a memória, a toque de tambor, ao ritmo das rimas,  
 Um frasco quebrado, cheio de um perfume qualquer,  
 É a vergasta arrancada de uma árvore de lilases  
 Que, num dia de primavera, o meu pai me deu,  
 Ou será, se bem me lembro, o sorriso dominical, inconsciente,  
 Que a minha mãe quase me trouxe  
 Uma e apenas uma vez da Igreja?
- 40 E o sorriso reluziu, através do manto de neve, e cegamente  
 Desertou-a, na entrada, desaparecera  
 Mesmo antes de eu me afastar da janela.  
 Não voltou, quando me beijou, no vestibulo.
- O macadame, cinzento como o ventre do atum,  
 Estende-se de Far Rockaway até Golden Gate...  
 Guarda esses trocos para a viagem, Rip.  
 Já levas o *Times*?  
 Embora, despacha-te, Van Winkle, que já se faz tarde!

#### Cutty Sark

- 5 Cruzei-me com um homem em South Street, era alto,  
 um dente nervoso de tubarão pendia-lhe do colar.  
 Os olhos de uma cor vegetal,  
 — seria dos óculos verdes, seria dos néones do bar? —  
 brilhavam.
- 10 Saiu, sem reparar em ti,  
 perdeste-o a alguns quarteirões de distância —
- bastou um níquel para que o piano mecânico trauteasse  
 “As Noites de Istambul”:
- Ó Rosa de Istambul — os sonhos tecem a rosa!*
- 15 Murmúrios do Leviatã, confidenciou-te,  
 quando o rum já fazia de nós filósofos...
- 20 “É o vapor Ala, de Antuérpia. Vê lá, rapaz, não te esqueças  
 de me acordar às três, zarpamos à hora certa.  
 A pontualidade já não é o meu forte, tenho a vista cansada,  
 e às vezes passo pelas brasas durante a vigia”. As mãos ossudas  
 marcam o compasso... “Uma ocasião, um baleeiro —
- Tenho de prestar atenção às horas e acabar de contar isto  
 — Eu sou Democrata — Sei que horas são — Não  
 não quero saber as horas — aquele  
 maldito Ártico branco matou-me o tempo...”
- 25 *Ó Rosa de Istambul — os tambores tecem —*
- “Trabalhava com um guindaste a vapor, lá no Canal

do Panamá — fartei-me daquilo —  
 depois foi o Iucatão, vendi tachos, panelas e contas —  
 algum dia viste o Popocatepetl — é uma cova enorme  
 30 onde nem os pássaros voam, rodeado de cinzas finas,  
 depois, regressei à outra vez à costa...”

*Rosa de Istambul Ó Rainha de coral —  
 despojos arrancados aos esqueletos de cidades —  
 e galerias, galerias de lava com entranhas aquosas  
 35 rocha vulcânica — verde — tambores — submersa —*

*Canta!*

— aquele respiradouro!” dedo apontado para a rua...  
 “Oh, a vida é um geiser — belo — os meus pulmões —  
 Não, já não sei viver em terra!”

40 Vi as fronteiras, o brilho da sua mente;  
 se é que há fronteiras — o tempo foge, às vezes  
 o tempo foge — para algures — a areia escoando-se...  
 Ou podem pôr a funcionar algum piano mecânico.  
 Então, podes rir e dançar o eixo —  
 45 aço — prata — liberta-te — e aprende —

*Os tambores da ROSA DA ATLÂNTIDA abraçam-na,  
 a estrela flutua ardendo num golfo de lágrimas  
 e adormece outros mil —*

interminavelmente  
 50 desde que há muito a última moeda — parou —  
 de tocar —

Uma ventania faz vacilar as vergas, as lapelas impecáveis, as  
 portas giratórias do verão abertas para mais frescos infernos...  
 Lá fora, um camião do cais quase o atropelou  
 55 — cambaleou lá para os lados de Bowery, enquanto a alvorada  
 ia apagando a Estátua da Liberdade — aquele  
 archote dela, vocês sabem —

E regressei ao lar, cruzando a ponte...

Ah, as jovens ilusões dos ianques, fadas acasteladas, aladas  
 60 réplicas britânicas, ágeis  
 e selvagens meninas do mar  
 florescendo na primavera — hasteiem, fantasiem  
 os brilhantes destinos a que os alísios conduzem...

*Doce ópio e chá, oh como é bom!  
 65 Um tostão para os golfinhos que acompanham a quilha,  
 Barbatanas rasgando a brisa e contornando o Japão!*

Brilhantes velas triangulares ponteando o Equador, contornando  
 [o Cabo Horn, até São Francisco, Melbourne...  
 Galhardetes, parábolas,  
 70 Inesquecíveis sonhos de veleiros, navegando junto à costa,  
 um branco majestoso sobre o azul da sorte!

O sempre e sempre *Cutty* vencedor é *Sark*!

75 *Thermopylae, Black Prince, Flying Cloud*, através do arquipélago de Sonda  
— envoltos em espuma, os convés como esplanadas,  
cativos dos caprichos de vento, abaixaram o pano;

*na Cabeça de Java, refrescaram-se  
com doce ópio e chá  
mudaram de rumo e deixaram-nos no porto de abrigo...*

80 Brióis em contenda (91 dias, 20 horas e ancorados!)  
*Rainbow, Leandro*  
(a última viagem foi cá uma tragédia) — onde estarás tu  
*Nimbus?* e os teus dois rivais

mantendo a rota de longo curso —  
*Taeping?*  
*Ariel?*

### Cruzeiro do Sul

Desejei-te, ó inefável Mulher do Sul,  
Não espiritual, mas inteiramente,  
quando ainda mais solitário  
O Cruzeiro do Sul toma a noite  
E a despoja dos corpetes, um a um,  
5 Soberba, serena,  
longe do fogo lento  
Dos paraísos inferiores,  
vaporosas cicatrizes!

10 Eva! Madalena!  
ou serás tu, Maria?

Qualquer que seja o apelo, tomba em vão entre as ondas.  
Ó simiesca Vénus, ó Eva sem pátria  
Nem esposo, errando sem um jardim para carpir  
Guitarras ao vento, em solitários tombadilhos, perpetuamente;  
15 Para finalmente responder a todos com um túmulo!

E este longo rasto de fósforo,  
iridescente,  
Sulco de toda a nossa travessia — percorrido escárnio!  
Os olhos estilhaçam-se, perante o seu beijo. O seu sortilégio  
Faz-nos penar. Perseguido por essa visão do passado,  
20 A alma é cuspida para os infernos.

Desejei-te tanto... As brasas do Cruzeiro  
Erguiam-se no horizonte, mescladas de aromas.  
É a recordação do sangue; é a memória da chama que tremeluz,  
É o Deus sem nome, tudo se varre do pensamento.

25 Toda a noite a água te penteou, com insolência  
Da escuridão. Saíste, rastejante, fervente, cumprida.  
As águas punidas pelo ferrão da tua cauda, o teu  
cabelo bem penteado, acariciado por tantos amantes.  
30 Sim, Eva — alma da minha semente mal-amada!

Com o chegar da aurora, o Cruzeiro, qual fantasma,  
Desapareceu para a outra face do mundo.  
A luz afogando os líticos triliões da tua descendência.

### O Túnel

Peças teatrais, representações sortidas, programas de espetáculos,  
De Times Square às luzes de Columbus Circle  
É um nunca acabar de congressos, saraus,  
Reflexos de mil teatros e mil rostos —  
5 Cozinhas misteriosas... A todas hás de inspecionar.  
Qualquer dia, saberás de cor as peças de maior sucesso,  
E verás o pano subir no desdém do inferno;  
Ao terceiro ato, descobrirás que o paraíso está deserto,  
Desentorpeces os joelhos — e já te imaginas na caminha,  
10 A ler os casos de polícia num tabloide qualquer.

Então, toca a pegar no chapéu  
e ala.  
Como de costume, enquanto  
Desces, comentas  
15 para uma dúzia de pessoas  
a tua devoção  
ao efémero.

Não consegues decidir, ao certo, o percurso a tomar;  
Agradava-te uma passeata noturna e revigorante sob o L,  
20 Uma dezena de quarteirões? Acabas por te decidir pelo metro,  
Qual pinguim, pronto a abrir passagem a cotovelo —  
Através do sonolento alçapão do costume:  
O comboio boceja a promessa de um rápido regresso a casa.

Encolhe-te, então, nadando por entre os fervilhantes enxames,  
25 À saída do Square, o Circle brilha, luminescente —  
Cuidado com portas envidraçadas que giram à tua direita,  
Onde, encaixotados um instante apenas, os olhos se fecham  
— E completamente desprevenidos regressam à luminosidade,  
E lá em baixo, ao chegar à borboleta, mete  
30 A moeda na ranhura. Os gongos já ribombam.

E assim  
falas dos subterrâneos  
das metrópoles, traçados sob as alamedas  
e rios... Na carruagem,  
35 a *nuance* do movimento,  
a monotonia  
da deslocação é o som  
de outros rostos, igualmente infraterrestres.

40 “Empresta-me o teu lápis, Jimmy — agora estás a viver  
em Floral Park  
Flatbush — no quatro de Julho —  
como o desnordeado sonho de um pombo — lavar o campo  
para as batatas — atravessar a cidade — também —  
noite após noite — a linha de Culver — as  
45 rapariguinhas todas bonitinhas — como era dantes”



As nossas línguas abjuram, vencidos cata-ventos,  
 A resposta invade-nos como bolor, como os cabelos  
 Que crescem nos cadáveres, o fim dos ossos;  
 E a repetição é empedernida — “Que

50 queres tu? estás a fraquejar?  
 não me peças dinheiro, pelintra — É ESTA A  
 A DÉCIMA QUARTA? são seis e meia ela disse — se  
 não gostas de mim, porque raio  
 te meteste comigo, porque ‘tinhas  
 55 de te meter comigo,  
 ah?”

E de mesmo assim, de qualquer forma, atreveste-te —

No pensamento, os fonógrafos do Hades  
 São túneis que se enredam a si próprios, e o amor é  
 60 Um fósforo queimado, patinando num urinol —  
 Algures, para lá da Décima Quarta TOMA O EXPRESSO  
 Para afastar algum novo pressentimento de dor —  
 “Mas eu quero ser atendido neste posto ATENDIDO  
 Disse eu — depois da  
 65 cena ela chorou ainda um pouco, porém —”

De quem é a cabeça balançando da tumefacta correia?  
 De quem é o corpo que fumege ao longo dos carris carcomidos,  
 Lá ao longe, relampeja uma trouxa em combustão  
 Nas bifurcações das cissuras cerebrais —  
 70 Arquejos de uma cepa fendida no passado longínquo  
 Nas fissuras intersticiais da mente...?

E porque tantas vezes aqui me deparo com o teu semblante,  
 Teus olhos, chamas de ágata — ininterruptamente  
 Debaixo dos anúncios a dentífricos e a produtos anticaspa?  
 75 — E viajaram os seus olhos através do teu flanco,  
 Seus olhos, como travessas sujas?  
 E a Morte, lá no alto, imensa  
 Sondando através de ti, rumo a mim, Ó eternidade!  
 E quando, Poe, arrastaram a tua infeta carne,  
 80 As mãos inseguras, através de Baltimore —  
 Naquela última noite do escrutínio, recusaste  
 Tremendo, negaste tu o voto no teu partido?  
 Para Gravesend Manor é favor mudar em Chambers Street.  
 A plataforma aproxima-se, o metro para repentinamente.

85 Da enérgica escada rolante eleva-se uma tranquila  
 Serenata  
 De sapatos, guarda-chuvas, os olhos cabisbaixos,  
 Todos preparados para se escapulirem algures lá em cima,  
 As ruas irrompem em chuva... E, de novo, os gongos:  
 90 Cotovelos e alavancas, guarda e sibilante porta.  
 O trovão é galvotérmico, aqui em baixo... O vagão  
 Rola. O comboio curva, dobrando-se a um grito,  
 Tomando a última plataforma antes do mergulho  
 Sob o rio —  
 95 E agora já mais vazio  
 Enfurecido, curva-se para o sacão de um instante; então

Lança-se... Por todos os cantos  
Os jornais voam, rodopiam e voam.  
As janelas sem rostos gargarejam sinais através do rugido.

100 E será que também o Demónio te leva a casa,  
Ó Faxineira italiana?  
Depois de varreres os corredores, de despejares as escarradeiras —  
Agora que estão limpos, e vazios os desolados hangares celestes,  
Ó genovesa, trará às crianças arianas  
105 As carícias e os cuidados maternais?

Demónio, bocejo relutante e fértil de incidentes!  
Aquele cujo horrendo riso é um rugido hilariante  
— Ou o surdo massacre no parto do dia —  
Oh, inocular com crueldade a eminente alvorada,  
110 As antenas dirigidas para mundos que brilham e se afundam; —  
Levar-nos à boca mais líquido que a diáfana  
Locução de uma estrela incomparavelmente antiga, e arrumar  
A consciência no umbigo do mergulhante vento,  
Cordão umbilical que clama — e logo em seguida morre!  
115 Oh, o beijo da nossa agonia colheste  
Como quem apanha moedas sob fuligem e vapor;  
Oprimido, tudo tomaste, estridente gânglio,  
Comovido por alguma canção que não conseguimos guardar.  
E porém, qual Lázaro, sentir o declive,  
120 A marga e a vasta vaga a quebrar-se, elevando o solo,  
Um som de águas curvando e montando o céu,  
Insistindo na Palavra que jamais morrerá...!

Um rebocador, resfolegando espirais de vapor,  
Arremeteu, e com um galvânico clangor rompeu  
125 Rio acima. Contei os ecos reunidos, um após um,  
Procurando, manuseando a meia-noite nos pilares.  
Pela costa, as luzes deixaram o oleoso tímpano das águas;  
Algures, a escuridão cruzava o vidro contra os céus.  
Caminhei sob o teu porto, Ó Cidade minha,  
130 Sacudido pelo desenroscar das torres de relógio... Amanhã,  
E no devir... Aqui à beira Rio, a Este,  
Aqui, no fim das águas, os ponteiros escoam a memória  
E sem deixar rasto, no abismo, jazem inexplicáveis.  
A que distância fendeu o astro o oceano?  
135 Deverão os ponteiros e as mãos retirar-se para a morte?

Foi o beijo da nossa agonia que Tu colheste,  
Ó Mão de Fogo,  
que colheste —

### Atlântida

Através do tecido de cabos e amarras, ascende a curva da ponte,  
Mutável à luz, as suas cordas dedilhadas,  
Milhas retesadas de luar corrediço sincopam  
O tráfico sussurrado, telepatia de cabos.  
5 Lá no índice da noite, granito e aço,  
Malhas transparentes, imaculadas, as cintilantes pautas —  
Vozes sibilinas bruxuleiam, correm, vacilantes,  
Como se fora um deus, o herdeiro desta harpa.

10 E através do cordame, tecendo com o seu apelo  
 Um arco sinóptico de todas as marés —  
 As labirínticas vozes da história  
 Devolvem o eco, como se as embarcações do oceano  
 Empenhadas num sopro uno e vibrante, bradassem:  
 “Que o teu amor seja devoto àquele a quem ofertamos a canção!”  
 15 — Dos diques escuros, saúdam-nos os sons serenos,  
 E os sete mares respondem dos seus sonhos.

E no fim, obliquamente acima dos molhes de carregamento,  
 Novas oitavas assentam sobre os monólitos gémeos, os pilares,  
 E para lá dos seus cabos gelados, a lua testemunha  
 20 Dois mundos adormecidos (Ó curvas amarras do cântico!).  
 Mais alto ainda, sobre a nave inundada de cristal,  
 As redes da tempestade de neve reúnem-se e ressoam  
 Nas plataformas prateadas, os mastros zunindo,  
 Pináculo da visão, paládio, leme das estrelas.

25 Os olhos são diáfanos, quais gaivotas doridas pela geada,  
 Fendidas e impulsionadas pelas brilhantes, luminescentes, asas.  
 Lá em cima, apropriam-se da silhueta das torres, no voo cortante,  
 Roçam o flanco contra a lâmina do tendão  
 — O amanhã inscreve-se no passado — e ligam  
 30 O enigma temporal que nenhum viajante jamais decifrou,  
 À exceção daquele que, através das piras de amor e morte,  
 Demanda o eterno riso das lanças míticas.

Como saudações ou despedidas, lá nas alturas dos planetas,  
 Inúmeros martelos suspiram e luzem fracamente sobre o Tiro:  
 35 Sereno, mais agudo que o longo pranto de ínfimas eras,  
 Da bigorna, o silêncio fixa Troia.  
 E tu, lá no alto — Jasão! implacável Grito!  
 Apertas ainda o freio ao ar enxameado!  
 Prateada, a Via Láctea, incomparável apelo,  
 40 Irradia Éolo! estilhaçado nos estreitos!

Desabrochando das águas, entre o troar assustador,  
 A Altíssima Visão-da-Viagem, ansiosamente nua —  
 A Ponte, elevando a noite até ao ciclorama do pico  
 Do mais profundo dia — Ó Coro, traduzindo o tempo  
 45 Para a Palavra profícua que os sóis  
 E a sinergia das águas eternamente fundem  
 E refundem em miríades de sílabas — Salmo de Cataio!  
 É o Amor, o teu puro e penetrante Paradigma!

Abandonámos a enseada suspensa na noite,  
 50 O reflexo das lanternas portuárias afastando-se da quilha.  
 Pacífico aqui, até ao término dos tempos, transportando o trigo,  
 Os olhos hesitam, através das pontadas de poeira e aço.  
 E porém, o circular, indubitável friso  
 Da meditação do paraíso, submetendo a vaga  
 55 À onda ajoelhada, constrói dedicadamente a canção  
 E a estrofe primaveril desprende-se das cordas imperecíveis!

Ó Tu, Sabedoria de Aço, cujo voo é íntimo  
 Dos ágeis circuitos do regressar da cotovia;

- Dentro de cujo laço cantam  
 60 Inúmeros pares, enlaçados na mesma crisálida.  
 Tu és a unidade e o garanhão luminoso dos astros  
 E semelhante a um órgão de som apocalíptico,  
 Governas a visão, o hino, a carne a partir do teu reino temporal  
 — Enquanto o Amor traça a rota perfeita para o leme
- 65 Ledo repique da luz secular, Mito intrínseco  
 Cuja feroz ausência de sombra é a ferida terminal da morte,  
 Ó garganta de Rio, luminosamente elevada  
 Através da poção brilhante e pela textura das nossas veias;  
 Com brancas escarpas oscilando para a luz,  
 70 Sustidas pela angústia, as cidades são dotadas  
 E justificadas, conclamadas de campos amadurecidos,  
 E revolvem-se através das colheitas, em doce tormento.
- És a eterna e esplendorosa Promessa das Deidades, Ó Tu,  
 Cujos cânticos a nova alquimia se compromete  
 75 A envolver em génese e santidade.  
 Para nosso regozijo, do teu punho alvo,  
 Sempre através dos cabos cegos, desabrocha a profecia:  
 Sempre através do cordame espiralado, sequela das pirâmides,  
 O bater cinético das asas de coros purificados,  
 80 A Nova Palavra de Deus... ascende.
- As migrações requerem o vazio da memória,  
 Ficções que talham o coração —  
 Indizível tu, Ponte, para ti, Ó Amor.  
 Absolve esta história, Flor imaculada entre as flores,  
 85 Ó Sapientíssima, Anémoma,  
 Enquanto as tuas pétalas consomem os astros que nos cercam,  
 Tu, Atlântida, cujo esplendor é meu herdeiro,  
 Sustém este flutuante bardo através do tempo.
- Assim, para a tua Omnipresença, intemporal,  
 90 Como as azagaias ensanguentadas de uma estrela tocando a finados  
 E a sangrar eternidade — as órficas cordas,  
 Em falanges siderais, faíscas e convergem  
 — Um hino, uma Ponte inflamada! Terá chegado a hora de Cataio,  
 Agora que a compaixão se impregna de erva e os arcos da aliança  
 95 Cercam a serpente junta com a águia nos ramos...?  
 Os sussurros antifonários oscilam no azul celeste.

### Bibliografia

- Crane, Hart. *The Letters of Hart Crane: 1916-1932*. Ed. Brom Weber. Berkeley: U of California P, 1965.
- . *The Complete Poems and Selected Letters and Prose of Hart Crane*. Ed. Brom Weber. New York: Anchor, 1966.
- . *The Poems of Hart Crane*. Ed. Marc Simon. Introd. John Unterecker. London: Liveright, 1986.
- Crane, Hart. *Au Pont de Brooklyn et autres poèmes*. Trad. Jean Guiguet. Paris: Ed. M. J. Minard,

1965.

- . *Le Pont*. Trad. François Tétreau. Pref. Jeremy Reed. Paris: Obsidiane, 1987.
  - . *Key West et Autres Poèmes*. Trad. François Tétreau. Introd. François Boddaert. Paris: Orphée/La Différence, 1989.
  - . *A Ponte*. Trad. Maria de Lourdes Guimarães. Introd. Laureano Silveira. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.
- Bassnett, Susan. *Translation Studies*. London: Routledge, 1991.
- Ladmiral, Jean-René. *A Tradução e os seus Problemas*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- Levitin, Alexis. "O Trabalho do Tradutor: Apologia de um Pragmatista". *Colóquio/Letras* 132/133 (1994): 21-28.
- Paz, Octávio. "Translation: Literature and Literality". *Translation Review* 3 (1979): 13-19.

### Resumo

O presente artigo consiste numa breve introdução à obra *The Bridge* (1930), do escritor modernista norte-americano Hart Crane (1899-1932), seguida da minha tradução de alguns poemas significativos desse livro. Trata-se de uma obra ímpar, que reinventa alguns importantes mitos dos Estados Unidos da América, antecipando um futuro singular para a nação, e homenageando diversos escritores canónicos, como Walt Whitman ou Edgar Allan Poe.